



MEMÓRIA CLIMÁTICA DAS FAVELAS

Vidas são memórias! O que sentimos, o que nos comove e nos inspira, bem como as batalhas que escolhemos lutar e como construímos nosso cotidiano: tudo isso forma um conjunto de elementos memoriais que nos constitui. É impossível viver sem eles! Esta exposição busca reconhecer a importância das memórias que protagonizam vivências faveladas do Rio de Janeiro.

A exposição *Memória Climática das Favelas* foi elaborada coletivamente a partir do conhecimento produzido em cinco rodas de conversa, realizadas em cinco favelas da capital fluminense, entre janeiro e março de 2023. Esses encontros foram organizados pelos seguintes museus e núcleos de memória integrantes da Rede Favela Sustentável (RFS): Museu da Maré (Maré), Museu Sankofa (Rocinha), Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz – NOPH (Antares), Museu de Favela – MUF (Pavão-Pavãozinho e Cantagalo), e Núcleo de Memórias do Vidigal (Vidigal).

O formato de roda de conversa, ou 'grupo focal' no linguajar de pesquisa, foi escolhido por integrantes do GT de Memória Climática da Rede Favela Sustentável (RFS) por seu caráter enquanto espaço que propicia a construção coletiva de conhecimento e entendimento mútuo. Quatro temas orientaram as reflexões nesses encontros: *O que são as mudanças climáticas?; Como se deu a ocupação e qual é a relação do território com o clima/natureza?; Como questões climáticas e ambientais dialogam com o direito e acesso à moradia?; Quais saberes a comunidade já desenvolveu para responder aos desafios impostos pela natureza e pelo clima?*

As Rodas de Memória Climática realizadas nas favelas acabaram sendo espaços de depoimentos marcantes. Sempre começando pela relação com a natureza, eram expostas lembranças variadas, doces e de luta. Mesmo que muitas das falas trouxessem

relatos de dor, em roda, essa dor era reelaborada em repertório motriz de transformação social e empoderamento. A própria roda, em seu formato, nos abraça. Quem quer falar? Então seja, mostre-se, que somos ouvidos. Intelcto para pensarmos conjuntamente soluções, e também para celebrarmos conquistas! A experiência acabou sendo propícia para refletirmos sobre o que é a própria favela, e por que escolhemos ser favela. Como é bom conversar entre os nossos nesse clima de quintal, de encontro na laje. "Por mais experiências como esta!", ouvimos nas rodas. E como resposta, a exposição traz um percurso imersivo e interativo (com linha do tempo, vídeos e experiência cartográfica, além de esquete teatral e mais roda de conversa) que propõe reflexões ao público sobre a pluralidade das memórias climáticas das favelas.

É tanta sabedoria na favela que há quem queira nos calar. Na verdade, há todo um sistema estruturado para isso. Deve estar sendo complicado para esse sistema ter que ver nosso protagonismo, ver nossa intelectualidade, nossas redes estruturadas. Mas não somos o início. A resistência nos foi herdada. Em rodas, em redes, nessas trocas seculares, nossos saberes diversos se proliferam em tecnologias múltiplas. Nós prosseguimos, e cada vez mais fortes!

Falar em Memória Climática nas favelas, portanto, é pormos os dedos (juntos) numa ferida crônica de nosso país. Ferida que não precisa ser perpétua porque estamos aqui reexistindo com elaboração de soluções. A própria Exposição de Memória Climática é um produto potente, no intuito de demarcar as favelas como centrais nas discussões sobre mudanças climáticas e sobre o futuro que queremos. Nossa memória ninguém nos tira! Ela é nosso jeito de fazermos, de sermos sociais, sermos cultura e colaborarmos para um mundo mais saudável e justo.

REALIZAÇÃO:



APOIO:

Exposição elaborada e executada coletivamente por Museu da Maré, Museu das Remoções, Museu de Favela - MUF, Museu Sankofa, Núcleo de Memórias do Vidigal, Núcleo de Orientação e Pesquisa de Santa Cruz - NOPH, Museu do Horto e Eixo Memória e Cultura da Rede Favela Sustentável - RFS.

Rodas de Memória Climática da Rede Favela Sustentável – 2023



“A museologia social nos dá a oportunidade de nós, favelados, contarmos a nossa história!”

MARIA DA PENHA MACENA, durante a Roda de Memória Climática em Antares

28 de janeiro de 2023
MUSEU DA MARÉ



04 de fevereiro de 2023
MUSEU SANKOFA/ROCINHA



11 de fevereiro de 2023
NÚCLEO DE ORIENTAÇÃO E PESQUISA
HISTÓRICA DE SANTA CRUZ EM ANTARES



11 de março de 2023
MUSEU DE FAVELA,
PAVÃO-PAVÃOZINHO/CANTAGALO



12 de março de 2023
NÚCLEO DE MEMÓRIAS
DO VIDIGAL



17 de junho de 2023
MUSEU DAS REMOÇÕES
NA VILA AUTÓDROMO



Roda de Memória Climática do MUSEU DA MARÉ

MUSEU DA MARÉ
Av. Guilherme Maxwell, 26
Maré | Rio de Janeiro



“A gente não precisa pensar só na memória, mas no que essa memória vai trazer para o nosso futuro... A Mata hoje ficou ameaçada. A Mata é o pulmão verde aqui da Maré. E tinha também um aquário no Pinheiro que ligava ali à água do mar, tinha estudo dos peixes.



Tudo isso se foi, tudo isso se perdeu. Nós aqui, nós trabalhamos muito. A gente tá vendo coisas que a gente batalhou tanto para trazer qualidade de vida para dentro dessa comunidade, e no entanto, a gente tá vendo tudo isso se perdendo.”

— Luiz Carlos Santiago

“Então eu acho que esse exercício da gente lembrar do que já foi, lembrar do que pode voltar a ser, é muito importante para a gente esperar esse futuro melhor em nossa relação com a natureza.” — ISADORA GRAN



“Não por acaso o centro do Museu da Maré é uma palafita. Porque a palafita é uma estratégia de sobrevivência, é um saber, é uma tecnologia pra você saber lidar com aquele fenômeno natural que é a maré, sob o qual você não tem controle. As pessoas vieram morar aqui, hoje a gente anda e tudo isso aqui é um bairro, aterrado, mas as pessoas vieram morar aqui e pouca coisa era aterrada. A maior parte das casas foram construídas em cima da maré, em cima da água.”

“Tudo isso é aquecimento global, isso não é normal! E não é calor só no verão não, é calor em julho! Então a gente tem que estar muito atento pra isso e entender que essa é uma responsabilidade



nossa. Que nós temos que começar a batalhar agora pra que a gente ainda tenha um futuro aqui pela frente, porque senão a gente não vai chegar muito longe né?”

— ANTONIO CARLOS PINTO VIEIRA (CARLINHOS)

“Qual é o maior capital social que a Maré tem? São as pessoas, são os seres humanos.”

— MARIA JOSÉ SILVA (ZEZÉ)

“Apesar de não estar como era, essa estrela marinha era comum encontrar à margem da Baía de Guanabara. Hoje ela só é encontrada na ponte Rio-Niterói no vão central... Era normal marisco, e os peixes vinham mariscar. Hoje não tem mais marisco. Resta a degradação do meio ambiente... Essa malha [de rede de pescar] é de 6 mm, é a malha que não passa nada, e eles usam na Baía de Guanabara para fazer a pescaria, que não é artesanal, ela é predatória.” — VAGNER FRANÇA (VAGUINHO)



“Quando eu era pequenininha, a Praia de Ramos era própria para banho. Hoje em dia a Praia de Ramos é mais conhecida como Piscinão de Ramos, porque a praia em si não está mais própria para tomar banho.”

— VALDIRENE DE OLIVEIRA MILITÃO



Roda de Memória Climática do MUSEU DE FAVELA



“Lembrei da minha infância brincando de casinha. A gente conhecia algumas plantas. Tanto que nossas comidinhas eram feitas com plantas. No Mundial tem um pé de uma planta que a gente chamava de tomatinho, que me remete à infância. As crianças brincavam com as plantas e conheciam.”



“A gente entende o lixo como algo nocivo que não pode ficar dentro de casa e que queremos logo descartar, jogar na rua, no vizinho. A gente podia guardar, ter outra relação. Na minha casa 70% é orgânico e reciclável... Aquilo não vai te fazer mal nenhum, você pode guardar e jogar no momento da coleta.” — VALDETE SANTOS

“Mas uma coisa é certa. Se [o morador] continuar mexendo onde não conhece, sem conhecer a geografia daqui, vai acabar provocando outra tragédia grande. A gente aprende na escola que a árvore tem a raiz dela para segurar alguma coisa. Ao tirar as árvores, a gente prejudica a segurança do local!” — RAFAELA MACHADO



“Não tem quintal como tinha antigamente, pra você poder plantar e fazer jardim, mas ao mesmo tempo na época não tinha nem fogão a gás, era de lenha.” — MARCIA SANTOS PINTO



“Não tinha nada mesmo... Não tinha estes prédios aí não, era tudo mato. E tinha uma moça que disse que era dona dali tudo. Começou tudo como barraco de lata, de manteiga, de banha, a gente cortava lata para botar no nosso telhado. Era aquilo. Não tinha nada de produzido, era lata de banha. Uma vez tava eu e meus irmãos dormindo, quando a gente viu tava ventando demais, o vento tinha levado o telhado todo... A gente transformou a favela toda, PPG, em um museu. Então vocês moram, vocês vivem num museu.”



— MARCIA SOUZA

“Eu gostaria que a gente pensasse... no racismo ambiental e na justiça climática. Como que a gente pode melhorar os nossos territórios, nós por nós, e mostrar isso pro mundo? As pessoas que moram nas comunidades não são as pessoas que mais contribuem para o aquecimento global. As pessoas que moram na pista são as que mais contribuem, e a gente é que sofre mais.”



— GABRIELA FLEURY



Roda de Memória Climática do MUSEU SANKOFA ROCINHA



Quando ‘terminou’ o processo escravocrata, não teve nenhuma compensação, reforma agrária. Então houve a ocupação dos espaços que nós chamamos de favela... A favela... é inteligente pela sua existência!” — ANTONIO CARLOS FIRMINO



Tive minha casa destruída por conta de uma enchente... As nossas memórias são memórias de dor, mas também de resignificação e de luta. Quando se fala de mudança climática, penso muito na nossa resignificação, na nossa luta, mas também na união, na galera que busca para poder caminhar juntas.”



— MICHELLE DIAS LACERDA

É muito triste que para nós favelados em alguma medida o debate [do clima] chega a partir da perda, né? Pelas dimensões do impacto da perda e dos danos... A gente ainda tem muita dificuldade, não por nós, mas por ausência de políticas públicas que consigam compreender que discutir mudança e emergência climática é sobretudo discutir qualidade de vida e gerações futuras... Acredito que é o momento... de nos apropriar e compreender esse espaço como de potência... A partir desse lugar a gente também pode fazer a transformação do nosso território, da nossa vida e das nossas próximas gerações... É sobre discutir políticas públicas de contenção e de segurança que façam uma perspectiva do debate socioambiental que garantam vidas.” — MAGDA GOMES



[A R ua] Dioneia virou realmente um rio em dia de chuva porque as construções novas fecharam todos os caminhos que água percorria.”



— CLÉBER DE ARAÚJO NASCIMENTO



O PAC tomou um outro caminho e está aí inacabado. Então a organização urbanística da Rocinha está pelos ares... Ver o lixo é super importante, são quatro letrinhas... que causa todos esses danos.”

— MARIA HELENA CARNEIRO DE CARVA



A saúde não é [só a] sua casa, [é também] a redondeza. Eu vejo isso quando eu abro a minha porta e as matas estão sendo devastadas... A gente fez uma oficina... para discutir a moradia. O convidado de honra para a gente era o pedreiro porque era ele que fazia nossas casas. Era ele que podia sensibilizar os moradores a abrir mão de meio metro para o vento entrar. Era ele que poderia dizer para o morador qual a direção que sua janela deveria ficar para que a luz do sol entrasse.” — RITA SMITH

Quando a gente fala no ‘nós por nós’ entendo que é uma tecnologia social da favela, da periferia antirracista que traz outra lógica de enxergar a cidade e espaço urbano de forma muito crítica. E podemos usar isso para pensar... como o Estado chega na favela, propõe para a favela. Discutem muito sobre a informalidade: estigma, como se fossem invasores, povo perigoso que flerta com questões imorais. Isso está muito presente ainda... A gente precisa... lutar por participação social!” — LEANDRO DE CASTRO BENÍCIO



Quando o coletivo resolve lutar junto, o coletivo vence. Nós paramos a remoção da Rocinha. Conquistamos a saúde. Com uma luta coletiva, conseguimos o CIEP, o metrô. Fizemos praticamente uma luta de classes. A Rocinha tem saberes coletivos... Temos que realizar a troca de saberes dentro... deste movimento de clima, meio ambiente, onde outras organizações poderão participar. Mas surge a partir de um encontro nas favelas. Conselho das comunidades que não exclui ninguém.”

— ANTONIO XAOLIN



A gente não pode pensar em uma casa que não se adapte a uma catástrofe natural... A gente enquanto pobre e favelado, quando constrói uma casa, é uma casa classificada como uma casa de pobre. [Mas] se um rico constrói o mesmo estilo de casa, é uma casa sustentável, adaptada a uma teoria.” — ROSE FIRMINO

Roda de Memória Climática do NPH EM ANTARES



Quando chove, alaga tudo. Porque ali é brejo. Ali era mato, terreno vazio, um campo de futebol. Cada morador pegou um terreninho e fez um barracinho. Tudo alaga, porque é brejo, não foi feito pra construir casa.” — ELIS REGINA



Quando vim pra cá eu tava com 16 anos. Hoje... estou com 61. Sofri muito neste local aqui, mas amo muito Antares... Ali onde que eu moro, qualquer chuvinha que dá, enche. Enche a casa, enche tudo. Não tem vazão, porque quando enche o rio, invade. Vem água pelo vaso, pelo esgoto, vem tudo. Não tem como sair. Invade tudo. Perdi tudo, geladeira, televisão, sofá. Duas vezes que deu essa enchente. Eu fiquei com medo. Gente, vai encher de novo? Vou perder tudo de novo? Quando começa chover, o coração começa a bater, tenho medo.” — LENY MARTINS



Ficamos sem água. A gente tinha água da bica. Corremos atrás, conseguimos a água. Conseguimos luz. Com nossa luta, a gente consegue as coisas, parado não... A gente sem luta não é nada.” — EUFROSINA A. DA SILVA



Veio tudo junto, pandemia, enchente. Tudo de uma vez... Foi uma época bem triste, difícil... Os moradores foram muito solidários: nos juntamos, fizemos um grupo de amigos no qual resolvemos fazer doações... Cada coisa que acontece na nossa vida é uma experiência, e eu tirei uma lição daquilo. Tem que ajudar o próximo sempre, independente da situação. Isso é importante demais.”

— ROSIMAR ALVES DA PAIXÃO

Na medida que vai aumentando essa indústria aqui em Santa Cruz, vai aumentando o calor... Quase todas as casas tinham cerca de madeira, uma árvore ali, muitos pés de goiaba, manga. Mas no decorrer do tempo essas árvores estão sendo perdidas. Isso influencia muito na mudança [de temperatura].” — LEONARDO RIBEIRO DE SOUSA



Mudanças climáticas vêm de vários pontos, né: lixo acumulado, a questão da atmosfera, e por aí vai. A minha concepção é essa: se mexe na atmosfera, mexe na terra, encharca a terra, o calor e o sol ficam muito fortes, as chuvas aumentam... O medo é que quando chove muito o rio sobe... O meu medo é o rio subir. Se o rio subir, acabou. A comunidade tá melhor, mas se o rio subir, é perigoso.”

— VERA LUCIA RODRIGUES



A chuva nos deixa desconfortável porque não sabemos quando começa até quando vai durar e o estrago que vai fazer. Quando a chuva começa, a apreensão é grande, o conforto de todo mundo vai embora.”

— SERGIO SODRÉ



Moro em Santa Cruz há 72 anos... Lado de lá eram laranjas e lado de cá tudo era arborizado com frutas. Santa Cruz era uma área agrícola e foi se urbanizando... Aquela área toda com plantação de aipim... virou urbano.” — CARMEM LÚCIA



Roda de Memória Climática do NÚCLEO DE MEMÓRIAS DO VIDIGAL



// Cheguei em 1959. A comunidade aqui era uma mata. A gente respirava um ar puro, da montanha. O tempo foi passando, as pessoas precisam de casa. Da minha janela eu vejo. O que era mato virou casas. O povo teve que morar. As pessoas precisam morar. Meus filhos vão morar onde? Leblon não pode. Tem que ser aqui. Tiro mais uma árvore. Menos uma árvore. Menos um ar puro para respirar. Antigamente você via foto aí, o Vidigal sem casa, só mato. Então temos que fazer uma política para parar de desmatar para que a gente respire ar de montanha.” — **ARMANDO LIMA**



// Não tinha água. Pegava água no poço. Era divertido. Crianças vinham com latinha. Era tudo barro. Subia e caía. Metade da água ficava.”

// Como temos uma vista linda e uma localização geográfica privilegiada, parece que não temos problemas. Mas nós temos muitos...

// Queria que todos aplaudissem Dona Isabel com 104 anos, uma das mais velhas do Vidigal.” — **BÁRBARA NASCIMENTO**



// O Vidigal cresceu muito como todos os lugares. Mas cresceu muito mais do que o asfalto por necessidade de moradia, o empobrecimento da população. Um pavimento, a família cresce e faz outro.”

— **RITA MACHADO**



// Minha vó Alzira de Alleluia foi filha de escravos e saiu com a Lei do Ventre Livre. Os primeiros que chegaram aqui no Vidigal chegaram de Moçambique. Eles vieram no navio negreiro mas sabiam ler e escrever... [Minha mãe] falava muito de ensino e incentivava o estudo, embora fosse analfabeta. Então nós criamos um... centro de formação e colocamos o nome Ser Alzira de Alleluia.” — **ANTONIO ALLELUIA**



// A favela cresceu muito verticalmente e concretou a terra. Desta forma, o que pode acontecer? Ondas urbanas de calor. Como foi ocupado desordenadamente, o que pode acontecer? Sem local adequado para coletar o lixo, podem acontecer catástrofes. A comunidade é criada pela necessidade. Ela não é culpada de ocupar desordenadamente. Existe um ciclo... as pessoas não ocupam porque querem, mas por necessidade. A comunidade sofre várias doenças por falta de ventilação entre as habitações da favela.”

— **EVÂNIA DE PAULA MUNIZ**



// As favelas sempre foram impactadas, os piores efeitos são nas favelas. Não mudou muito. Continuou acontecendo. Os desabamentos, as enchentes. Mudanças climáticas nos dois sentidos: provocados pelo excesso de consumo, mais impactos nas favelas... Falaram aqui com maior propriedade sobre a enchente e deslizamentos de 1962. Então, eu falei sobre 2019. Continua acontecendo. Embora tem a questão da educação, o Estado é responsável. Não tem como. O Estado é responsável pela falta de políticas adequadas sobre algo que acontece sempre. Tive a sentença quando ele deferiu.

Havia o projeto de construir um resort aqui. Se a remoção é por risco de desabamento, porque não tem risco para um resort?” — **OSIAS PEÇANHA**



// Eu não quero sair daqui do Vidigal... Eles querem mandar uma empresa particular para demolir as casas... Só que no jornal o metro quadrado no Vidigal custa R\$19.000. Eles ofereceram R\$1.800 o metro quadrado... Eles [a Prefeitura] são tão espertos que conseguiram botar um contra o outro. Não sei como fizeram. Só sei que um morador não tá falando com o outro.” — **ANTONIO PAIVA**



// Temos nuances dentro da comunidade. Temos todo o Brasil dentro da favela.” — **ANDRÉ GOSI**

